

ESTUDO COMPARATIVO EM PRATICANTES E NÃO PRATICANTES DE DANÇA EM INDIVÍDUOS COM SÍNDROME DE DOWN

MARIA TATIANA DE LIMA ROCHA
ALEXANDRA DOS SANTOS ALVES BATISTA
ROSANE DE ALMEIDA ANDRADE
FACULDADE NORDESTE – FANOR, FORTALEZA – CE, BRASIL
tatiana_rl@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), 1997, “a arte da dança faz parte das culturas e sempre integrou o trabalho, as religiões e as atividades de lazer.” A dança é uma atividade inerente à natureza do homem, sendo um privilégio de todos os povos, um bem cultural individual e coletivo.

Na educação, ela deve estar voltada para o desenvolvimento global da criança e do adolescente, favorecendo todo tipo de aprendizado de que eles necessitam. A dança revela a alegria de se descobrir através da exploração do próprio corpo e das qualidades de movimento e desenvolvimento motor. (ACHCAR, 2001).

Quando se busca educar através da dança, é necessário em primeiro lugar, um entendimento claro dos objetivos a perseguir, isto é, o professor deverá estar atento à seleção e controle das técnicas que o auxiliarão em sua tarefa, pois seus valores estão sobre bases que permitem desenvolver potencial criativo, através da descoberta e exploração de novas formas de movimento corporal. (CUNHA, 1992).

Desse forma, o objetivo deste trabalho foi identificar os benefícios da dança para a coordenação motora na criança com Síndrome de Down. Trata-se de um estudo de caso, exploratório descritivo de natureza quantitativa com pesquisa de campo no qual foram selecionados dois sujeitos com SD de grau leve e moderado para uma avaliação da aplicação do teste avaliação motora de acordo com Rosa Neto (2002), bem como a aplicação de um modelo de entrevista qualitativa semi estruturado aplicado com a mãe do aluno praticante de dança e um formulário de pesquisa quantitativa para o professor.

Referencial Teórico

Por meio da exploração motora a criança desenvolve consciência do mundo que a cerca, e de si própria. O controle motor possibilita à criança experiências concretas, que servirão como base para a construção de noções básicas para o seu desenvolvimento intelectual (ROSA NETO, 2002).

Como educação do movimento compreende-se a realização de atividades motoras que visam o desenvolvimento das habilidades (correr, saltar, saltitar, arremessar, empurrar, puxar, balançar, subir, descer, andar) da capacidade física (agilidade, destreza, velocidade, velocidade de reação) e das qualidades físicas (força, resistência muscular localizada, resistência aeróbica e resistência anaeróbica). Portanto a educação do movimento prioriza o aspecto motor na formação do educando. No ambiente educacional esse trabalho pode ser distribuído ao longo de todo período escolar, a ênfase, entretanto, ocorre nas séries finais do ensino fundamental quando as características psicológicas e fisiológicas dos alunos correspondem às especialidades desta proposta (MATTOS, 1999, apud BALBBÉ, *et al*, 2009).

A dança pode ser considerada uma das formas de expressão rítmica do corpo e é favorável tanto aos aspectos físicos como aos sociais e psicológicos e permite ao indivíduo que a pratica, o desenvolvimento da consciência corporal, além de ser uma mediadora para o auto-conhecimento (TOLOCKA & VERLENGIA, 2006 apud FURLAN *et al*, 2008).

Dessa forma Furlan *et al*, 2008, afirma que

a dança é uma maneira prazerosa de utilizar o corpo para conhecer sentimentos e sensações, expressar e transmitir o estado de espírito, podendo ser de grande valor para a estimulação e desenvolvimento motor

do indivíduo portador de alguma deficiência ou não, pois sua prática possibilita a experimentação dos mais variados movimentos, e com isso tende a enriquecer e auxiliar o desenvolvimento do esquema corporal. (FURLAN et al., 2008).

Sendo assim, vê-se que a estimulação desde cedo da criança com Síndrome de Down (SD) é muito importante, devido suas limitações motoras, tais como: hipoplasia nos lóbulos frontais e occipitais, redução no lóbulo temporal em até 50% dos casos, que pode ser unilateral ou bilateral. Em alguns cérebros, observa-se diminuição do corpo caloso, da comissura anterior e do hipocampo. Limitação na transmissão e comunicação de muitos dos sistemas neurais; dificuldade para fixar o olhar devido à lentidão e seu baixo tônus muscular; dificuldade de percepção e distinção auditiva; dificuldades no desenvolvimento cognitivo e lingüístico; obesidade e envelhecimento precoce entre outras disfunções. (LIMA & BOSQUE, 2010).

Muitas crianças com Síndrome de Down têm flacidez muscular (hipotonia), o que pode afetar sua habilidade motora fina e grossa. Isso pode atrasar as fases do desenvolvimento motor, restringindo experiências dos primeiros anos, tornando o desenvolvimento cognitivo mais lento. Na sala de aula, o desenvolvimento da escrita é especialmente afetado.

A coordenação visuomanual representa a atividade mais freqüente e mais comum no homem, a qual atua para pegar um objeto e lançá-lo, para escrever, desenhar, pintar, recortar, etc. Ela inclui uma fase de transporte da mão, seguida de uma fase de agarre e manipulação, resultando em um três componentes: objeto/olho/mão. A atividade manual, guiada por meio da visão, faz intervir, ao mesmo tempo, o conjunto dos músculos que assegura a manutenção dos ombros e dos braços, do antebraço e da mão, que é particularmente responsável pelo ato manual de agarrar ou pelo ato motor, assim como os músculos oculomotores que regulam a fixação do olhar, as sacudidas oculares e os movimentos de perseguição. (NETO, 2002, p.14)

Segundo Cintra, 2002 apud Coelho, 2007, pode-se enumerar os seguintes benefícios da dança para as crianças com SD:

- a) Há um grande complexo de atividades acontecendo ao mesmo tempo durante uma aula de dança estimulando o indivíduo mental, psicologicamente e fisicamente.
- b) A dança propicia criar, estimular novas situações de relacionamento de grupo, entretenimento, relaxamento e excitação.
- c) Prioriza o trabalho motor, ao realizar as coreografias e exercícios, e o trabalho mental, ao memorizá-las.
- d) A pessoa se sentirá descobridora de si, e a sensação de interagir com o meio, com os colegas e consigo mesmo é potencial maior e melhor o que estar a mercê da vida e caminhar com os grilhões do preconceito a lentos e pesados passos. (CINTRA, 2002 apud COELHO, 2007).

Especificamente no caso da criança com SD ao trabalhar a dança, necessita de uma atenção no que se refere às suas características específicas, como os aspectos da hipotonia, da pouca resistência cardiopulmonar, da postura corporal, das condições de equilíbrio estático e dinâmico, além do desenvolvimento prejudicado de algumas habilidades motoras envolvidas com a coordenação, noção de lateralidade, espaço, tempo, esquema corporal e linguagem. (idem)

Vale ressaltar ainda que em se tratando de pessoas com SD com diagnóstico de grau leve e moderado, a idade cronológica não pode ser compreendida sob as mesmas instâncias cognitivas fora da SD. Portanto, essa característica clínica é sempre aberta ao “crescimento” possível em qualquer que seja compreendida a fase biológica do sujeito.

Partindo-se dos pressupostos que a dança é um processo didático pedagógico cientificamente reconhecido como responsivo na SD, é perfeitamente possível através de sua aplicação a melhoria e o desenvolvimento mais interativo e inclusivo na interação social. Tanto nos aspectos micro-estruturais como macro estrutural as atividades que são desenvolvidas na pelo profissional educador físico na SD é investimento intelectual e tecnológico de elevado alcance social. No âmbito coletivo devem alcançar, sobretudo às políticas públicas de promoção

de saúde, tendo em vista as reflexões advindas com o levantamento dos dados sobre os benefícios da dança e incrementar ações programáticas para o estímulo ao desenvolvimento psico motos na SD, como também a valorização do profissional educador físico no contexto da SD.

Resultados e discussão

No que se refere aos aspectos motores os pais e professores identificaram desenvolvimento na Postura, Lateralidade, Noções de localização, Ritmo musical e Noção espacial. Quanto as transformações sociais, perceberam que após a prática da dança ouve uma diminuição da Agressividade e melhora na Criatividade, Equilíbrio emocional, Alegria, Espontaneidade, Expressividade e Afetividade. E no que se refere aos aspectos cognitivos ouve um amadurecimento do Raciocínio lógico, um maior aproveitamento em outras disciplinas e em outras atividades, entretanto não foi percebido grandes evoluções na melhoria da fala e da coordenação motora fina.

No que se refere à SD, um ponto se destaca: suas dificuldades cognitivas, sendo estas conseqüências de um erro na distribuição dos cromossomos das células. A SD apresenta um cromossomo extra no par 21 (na grande maioria dos casos), que provoca um desequilíbrio da função reguladora que os genes exercem sobre a síntese de proteína, perda de harmonia no desenvolvimento e nas funções das células. Esse excesso de carga genética está presente desde o desenvolvimento intra-uterino e caracterizará o indivíduo ao longo de sua vida. É evidente que as características se divergem de pessoa para pessoa (MUSTACCHI & ROZONE, apud. SILVA & KLEINHANS, 2008. Apud LIMA & BOSQUE, 2010). Portanto a avaliação dos pais e professores reforçam os dados expostos pelos autores acima.

Os gráficos a seguir mostram os resultados encontrados através dos testes motores seguindo a ordem de aplicação: Coordenação Motora Fina, Coordenação Motora Global, Equilíbrio, Esquema Corporal e Organização Espacial. Os dados são apresentados através de um comparativo entre o aluno praticante e não praticante da dança.

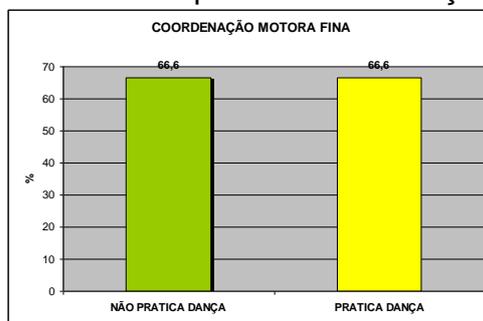


Gráfico 1 – Coordenação Motora Fina

O gráfico mostra que ambos os jovens participantes apresentaram um nível de 66,6% de êxito nos testes motores. Essa igualdade é justificada pelo fato de que o jovem praticante de dança possui uma séria limitação visual, elemento essencial para o sucesso nos testes de coordenação motora fina.

Como a literatura referenda os sujeitos com SD de alguma forma encontram-se sob limites neurofisiológicos que condicionam para um desenvolvimento e processamento da coordenação motora fina é limitada se fizer a analogia com pessoas não SD. Por isso afirmo que qualquer que seja as possibilidades conquistadas representam para os portadores de SD um avanço significativo diante das demandas e pressões e exigências dos letramentos na sociedade contemporânea.

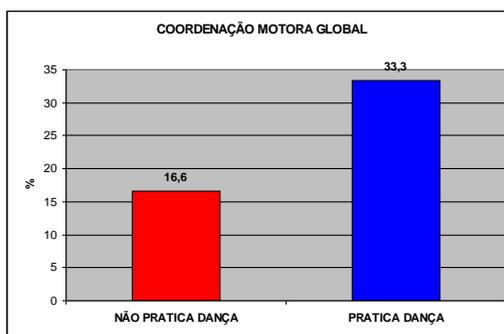


Gráfico 2 – Coordenação Motora Global

Observa-se que a jovem não praticante de dança obteve sucesso em 16,6% dos testes de coordenação motora global e que o jovem praticante de dança obteve sucesso em 33,3% dos testes. Desse forma confirma-se a grande contribuição que a dança trás para o desenvolvimento global do jovem independente de apresentar alguma anomalia ou não.

O movimento motor global, seja ele mais simples, é um movimento sinestésico, tátil, labiríntico, visual, espacial, temporal e assim por diante. Os movimentos dinâmicos corporais desempenham um importante papel na melhora dos comandos nervosos e no afinamento das sensações e das percepções. (ROSA NETO, 2002, p. 16)

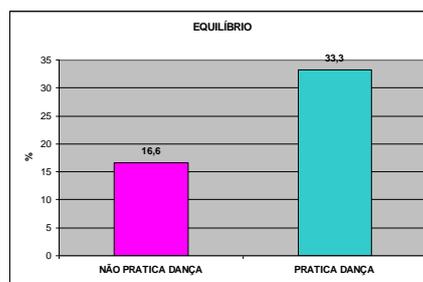


Gráfico 3 – Equilíbrio

Conforme o gráfico apresenta, a jovem não praticante de dança obteve sucesso em 16,6% dos testes de equilíbrio e que o jovem praticante de dança obteve sucesso em 33,3% dos testes, justificada pelo fato dança proporcionar um controle das tensões musculares essencial para o estado de equilíbrio.

O equilíbrio é a base primordial de toda a ação diferenciada dos seguimentos corporais. Quanto mais defeituoso é o movimento mais energia consome; tal gasto energético poderia ser catalisado para outros trabalhos neuromusculares. (ROSA NETO, 2002).

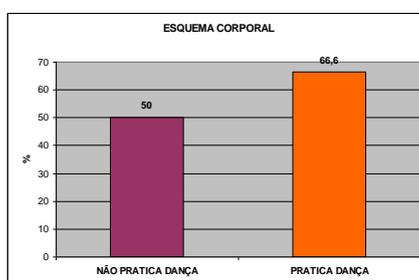


Gráfico 4 – Esquema Corporal

De acordo com o gráfico a jovem não praticante de dança obteve sucesso em 50% dos testes de esquema corporal e que o jovem praticante de dança obteve sucesso em 66,6% dos testes.

A imagem corporal como resultado complexo de toda a atividade cinética, sendo a imagem do corpo a síntese de todas as mensagens, de todos os estímulos e de todas as ações que permitam a criança se diferenciar do mundo exterior, e de fazer do “EU” o sujeito de sua própria existência. O esquema corporal pode ser definido no plano educativo, como a chave de toda a organização da personalidade. (BALBÉ et al, 2010)



Gráfico 5 – Organização Espacial

Através do gráfico acima pode-se visualizar que a jovem não praticante de dança obteve sucesso em 66,6% dos testes de organização espacial e que o jovem praticante de dança obteve sucesso em 83,3% dos testes. Justificando assim o fato de que na dança são trabalhados os aspectos espaciais por meio das atividades que são executadas em sentidos verticais, horizontais e em diagonal, onde são explorados todos os planos, sentidos, direções e trajetória através de próprio corpo. (NANNI, 2001).

Todas as modalidades sensoriais participam em certa medida na percepção espacial: a visão, a audição, o tato, a propriocepção e o olfato. As informações recebidas não estão sempre em acordo e implicam, inclusive, percepções contraditórias, em particular na determinação da verticalidade. A orientação espacial designa nossa habilidade para avaliar com precisão a relação física entre o corpo e o ambiente, e para efetuar as modificações no curso de nossos deslocamentos. (ROSA NETO, 2002).

Conclusão

A deficiência muitas vezes isola a criança do mundo tanto na sua participação, quanto na compreensão dos fatos que o cerca, contudo acredita-se que a dança pode neste caso assumir um importante papel como facilitadora de comunicação, oferecendo a criança novas formas de expressão de suas idéias e sentimentos, bem como a aquisição de novos conceitos.

Partindo desses pontos vê-se que os métodos educacionais devem permitir a criança criar, expressar e produzir e não somente observar, pois assim ela poderá desenvolver sua inteligência e construir o conhecimento a respeito das formas, dos sons, dos movimentos, do tempo e do espaço.

Estimular pessoas com SD a experienciarem dança gera um potencial capaz de alavancar novas sensações cognitivas e motoras catalisadoras de vivências satisfatórias que não podem ser mensuradas sob os limites estreitos de uma abordagem quantitativa e matemática.

Não foi possível ver o sujeito de estudo dançar, além do seu ambiente de aulas, as lentes utilizadas são de sua mãe professor. Esse encontro não foi possível, mas ao identificar resultados estatísticos referendados pela literatura pode-se inferir que qualquer que seja o desempenho motor desses sujeitos, seus corpos atravessam abismos sociais, e cognitivos, sobre o quais o outro lado do mundo aprendeu a estabilizar concepções e práticas motoras chamada de criativas, belas e perfeitas.

Outros pares, semelhantes aos sujeitos deste estudo, foram observados em atividade pedagógica orientada pelo professor de educação física. *Adança de salão* com muitas das expressões criativas, cenográficas que se misturavam ao cenário de murmúrios, falas, gritos de alegria, palmas, pés, o corpo que meche que se enlaça roda, voa, e num vôo mágico,

alcançam a grandeza do espetáculo no palco iluminado de olhos, faces que a sociedade aprendeu a desconsiderar como belo.

Por fim, este estudo permite afirmar que o professor de educação física pode ser de fato o profissional capaz de favorecer aos seguimentos de populações com SD um grande serviço numa práxis profissional ética e intelectualmente respaldadas para responder adequadamente aos interesses de grupos marginalizados, que o acaso, geneticamente e sócio historicamente poderia condenar nos porões da invisibilidade numa sociedade de territórios e mapas éticos, estéticos e sociais sob os quais os “normais” podem garantir sonhos e alegrias.

Referências Bibliográficas

- ACHCAR, Dalal. **Balé: Arte e Dança**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.
- BALBÉ, Giovane Pereira. DIAS, Roger Ghidini. SOUZA, Luciane as Silva. **Educação Física e suas Contribuições para o Desenvolvimento Motor Infantil**. Disponível em <http://www.efdeportes.com/efd129/educacao-fisica-e-desenvolvimento-motor-na-educacao-infantil.htm>. Acesso em 28 de Nov. de 2011.
- BERNABÉ, Rosangela. **Dança e deficiência: Proposta de Ensino**. 2001, 115 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, SP, 2001
- Brasil. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN**. Brasília: MEC/SEF, 1997
- COELHO, Ana Vanessa Maciel S. **Dança como agente socializador para portadores de Síndrome de Down**. 2007. 58 f. Monografia (Graduação em Educação Física) – Faculdade Integrada Do Ceará, Fortaleza, 2007.
- CUNHA, Morgana. **Dance Aprendendo: Aprenda Dançando**. 2ª Ed. Porto Alegre: Sagra-DC Luzzatto, 1992.
- FURLAN, Suellen, MOREIRA, Vanessa Aparecida V. RODRIGUES, GracieleMassoli. Esquema Corporal em Indivíduos com Síndrome de Down: Uma análise através da dança. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**. Barueri, v. 7, n. 3, p. 235-243, 2008. Disponível em: <<http://www3.mackenzie.br/editora/index.php/remef/article/view/.../1190>>. Acesso em 25 de jun. de 2012.
- GALLAHUE, Davis L., OZMUN, John C. **Compreendendo o Desenvolvimento Motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos**. [Tradução de Maria Aparecida da Silva Pereira Araújo, Juliana de Medeiros Ribeiro, Juliana Pinheiro de Souza e Silva]. 3ª Ed. São Paulo: Phorte, 2005.
- LIMA, Luciana Jardim. BOSQUE, Ronédia Monteiro. **A contribuição da dança para o desenvolvimento integral dos alunos do grupo de dança da APAE-AP**. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd149/danca-para-o-desenvolvimento-integral-dos-alunos.htm>>. Acesso em 2 de Jun. de 2012.
- NANNI, Dionísia. **Dança-educação: pré-escola à universidade**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2001.
- ROSA NETO, Francisco. Manual de Avaliação Motora. Porto Alegre: Artmed, 2002.